



VII Congresso de Pesquisa e Extensão da FSG
V Salão de Extensão

<http://ojs.fsg.br/index.php/pesquisaextensao>

ISSN 2318-8014



ADOLESCÊNCIA E GRAVIDEZ: UM OLHAR PARA A REALIDADE DE JOVENS MÃES E PAIS NO CONTEXTO BRASILEIRO

Ana Claudia Anesi Palermo Giria^a, Sabrina Cerchiari^a, Thiago Francisco Amado^a, Cássia Ferrazza Alves^{a*}

^{a)} FSG Centro Universitário

*Autor correspondente (Orientador)

Prof^a. Cássia Ferrazza Alves,

Endereço: Rua Os Dezoito do Forte, 2366 - Caxias do Sul - RS -

CEP: 95020-472

Palavras-chave:

Adolescência. Gravidez. Meninas.

INTRODUÇÃO: Quando se aborda a temática da adolescência, costuma-se pensar, no senso comum, à rebeldia, desobediência e questionamentos. Unindo a isso, ao associar uma gravidez na adolescência, pensa-se também em irresponsabilidade, inconsequência ou desperdício de juventude. Para além do senso comum, qual a verdadeira condição de ser adolescente e mãe ou pai no Brasil? Este resumo procura trazer um breve olhar para a realidade de adolescentes que se tornaram mães e pais e o impacto dessa nova condição em suas vidas, a partir da análise de um documentário. Na literatura, é possível encontrar o conceito de adolescência como uma transição da infância para a idade adulta, sendo marcada por mudanças anatômicas, amadurecimento da sexualidade, experimentação e busca por individualidade e identidade (ABERASTURY; KNOBEL, 1981). Estando em idade escolar e, teoricamente, não apto para o mercado de trabalho, “não se espera que os jovens engravidem, pois isso poderia prejudicar o amadurecimento do indivíduo, limitando suas possibilidades perante a vida futura” (OLIVEIRA, 1998, p. 53). **MATERIAL E MÉTODOS:** Para elaboração deste resumo foram utilizadas publicações nacionais em livros e revistas científicas, bem como o documentário intitulado “Meninas”. O documentário brasileiro, de Sandra Werneck, foi produzido entre 2004 e 2005. Filmado em favelas do Rio de Janeiro, apresenta a realidade de quatro jovens que se tornaram mães na adolescência. **RESULTADOS E DISCUSSÕES:** A partir do documentário, é possível verificar que, em todos os casos, existe uma perspectiva de aceitação e até mesmo de conformismo com a chegada do filho, mesmo sendo antes do previsto. São meninas pobres e estudantes, que dependem financeiramente da mãe ou familiares. No relato delas, percebe-se sentimentos como arrependimento, mas, ao mesmo tempo, alegria por serem

mães; medo do futuro, mas também poucos sonhos e planos. O contexto nas favelas inclui violência e poucos recursos e, das quatro meninas, três pararam de estudar para se dedicar aos filhos. Para Pinheiro (2000) existem repercussões inegáveis de uma gravidez na adolescência, tanto psicossociais quanto anátomo-fisiológicas, tratando-se de uma pessoa ainda em desenvolvimento. Tais repercussões são convencionadas principalmente às meninas, uma vez que são estas que assumem o cuidado com o filho, às vezes, sem um companheiro e vivendo sob o cuidado dos próprios pais (SILVA; SALOMÃO, 2003). Entende-se, ainda, que um filho demanda tempo, dinheiro e responsabilidades, condições que a adolescente ainda está construindo em sua própria individualidade e, uma gestação nesse período, pode interromper os aprendizados da jovem. No entanto, é possível afirmar que a gravidez na adolescência deve ser entendida como uma questão psicossocial e não apenas biológica, tendo influência conforme o contexto em que a jovem está inserida. Em contextos brasileiros, especialmente nas periferias e zonas rurais, o fenômeno da gravidez na adolescência está muito integrado à realidade da população, sendo que uma gestação não representa uma mudança tão drástica nos projetos futuros das adolescentes, relacionados ao trabalho e estudos, uma vez que já estão submetidas a escassas oportunidades no mercado de trabalho e baixo interesse pela vida acadêmica (LIBÓRIO; KOLLER, 2009 apud HEILBORN et al., 2006). Assim, torna-se importante que o tema gravidez na adolescência não seja tratado apenas como um problema, mas sejam analisadas todas as motivações e implicações envolvidas, uma vez que, onde ocorrem a maioria dos casos, esta gravidez não é vista como um erro, mas a concretização de um movimento natural que apenas foi antecipado. **CONCLUSÃO:** Pode-se concluir que a gravidez na adolescência recebe significados diferenciados e isso se deve, principalmente, ao contexto familiar e sociocultural de origem das adolescentes. Entende-se que um filho, para um adolescente, independentemente do contexto social, é uma grande responsabilidade, sendo que, na maioria das vezes, o jovem não está apto a assumir ou também não desejava conscientemente isso para si. Porém, considerando que, com contexto social tornando isso algo natural, acredita-se necessário tratar o fenômeno não apenas como um problema, mas como uma realidade que necessita de suporte, de políticas e ações para a mudança de vida destas pessoas, começando pela informação e educação. Assim, sugere-se que o caminho mais viável para se evitar uma gravidez na adolescência seja

ajudar os jovens a desejarem um futuro diferenciado para si e projetarem suas vidas além do contexto de vulnerabilidade em que vivem.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: ArtMed, 1981.

FONSECA, A. L. B.; ARAÚJO, N. G. Maternidade precoce: uma das consequências do abandono escolar e do desemprego. **Journal of Human Growth and Development**, v. 14, n. 2, p. 21–27, 19 ago. 2004.

LEVANDOWSKI, D. C.; PICCININI, C. A.; LOPES, R. C. S. Maternidade Adolescente. **Estudos de Psicologia** (Campinas), v. 25, n. 2, p. 251–263, jun. 2008.

LIBÓRIO, R. M.; KOLLER, S. H. **Adolescência e Juventude**: risco e proteção na realidade brasileira. 1a ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

OLIVEIRA, M. W. Gravidez na adolescência: Dimensões do problema. **Cadernos CEDES**, v. 19, n. 45, p. 48–70, jul. 1998.

PINHEIRO, V. S. Repensando a maternidade na adolescência. **Estudos de Psicologia** (Natal), v. 5, n. 1, p. 243–251, jun. 2000.

SILVA, D. V. DA; SALOMÃO, N. M. R. A maternidade na perspectiva de mães adolescentes e avós maternas dos bebês. **Estudos de Psicologia** (Natal), v. 8, n. 1, p. 135–145, abr. 2003.